

Guia para descobrir os animais marinhos da sua praia

Série **Um Naturalista no Verão**

As zonas entremarés são das mais interessantes do meio marinho, pois concentram uma grande diversidade de espécies, desde peixes, anémonas e caranguejos a estrelas e a ouriços-do-mar. Saiba o que pode ver e onde procurar

Por **Helena Geraldés**



Chegados à praia, começamos por ver pouco da vida selvagem marinha. A ave que sobrevoa o mar ao longo da costa, a concha meio partida no areal junto à rebentação das ondas, os fiapos de algas agarados a cascas de mexilhão.

Mas Frederico Almada, investigador do MARE-ISPA (Centro de Ciências do Mar e do Ambiente), garante que há muito mais. “É surpreendente a quantidade e diversidade de organismos na zona entremarés”, diz o biólogo que há dez anos participa na monitorização da biodiversidade marinha na costa de Cascais.

“Comparado com a zona costeira, o mar aberto, profundo, é quase um deserto.”

É na zona entremarés – a que fica exposta durante a maré baixa e submersa com a maré cheia – que os juvenis de inúmeras espécies, como os sargos, os peixes-rei, os cabozes, polvos e caranguejos procuram abrigo e alimento. Quando crescem, abandonam este “berçário” e migram para zonas mais profundas.

Além disso, na maré cheia, esta faixa de mar é visitada por outras espécies que procuram alimento. Mas aqui também há habitantes permanentes. “Há animais que vivem sempre no ‘intertidal’”, que significa entremarés, explica Frederico Almada. Exemplos? Anémonas (como o curioso tomate-do-mar), mexilhões, percebes, caranguejos (como as navalheiras), ouriços-do-mar e estrelas-do-mar.

Se a sua praia for arenosa, isso significa menor complexidade de habitats e menos espécies para procurar. O melhor é colocar óculos de

mergulho e “espreitar para o que existe debaixo de água”, aconselha Frederico Almada.

Nesta altura, “há muitos peixinhos que conseguimos ver bem perto de nós”. Alguns são juvenis, como o sargo e o robalo; outros são adultos que não atingem mais do que os três ou quatro centímetros, como alguns cabozes. “Também perto dos nossos pés pode haver solhas e linguados juvenis, mas são extremamente difíceis de ver. São muito bons a camuflarem-se e enterram-se quase todos na areia.”

Praias arenosas e praias rochosas

Mas se a praia for rochosa, as oportunidades aumentam de forma entusiasmante, graças a um habitat mais complexo: rochas, fendas e buracos criam espaço para mais diversidade.

O melhor é explorar as poças de maré, onde poderá ver anémonas, pequenos camarões, cabozes, estrelas e ouriços-do-mar, mexilhões, percebes, burriés e tantas outras espécies.

Segundo Frederico Almada, algumas das melhores praias do país para esta exploração naturalista são a Praia das Avenças (Cascais), a Praia do Norte (Viana do Castelo), a Praia da Luz (Lagos) e a Praia do Magoito (Sintra). Estas são praias rochosas com um declive baixo, o que permite zonas “intertidais” mais extensas.

E esta é uma excelente altura para explorar a zona entremarés, pois estamos na fase de crescimento de juvenis de muitas espécies. Isto traduz-se na chegada de milhares de pequenos peixes e outros organismos marinhos à praia, usando-a como “berçário”. Nesta época do ano, “a densidade pode ser surpreendente!”



As rochas como habitat

Se a praia for rochosa, as hipóteses de apreciar espécies aumentam, graças a um habitat mais complexo: rochas, fendas e buracos criam espaço para mais diversidade. À direita, conchas de vieira e conchas de chocos



JOÃO PETRONILHO



JOÃO PETRONILHO

O irresistível balde

Ainda assim, o melhor é satisfazer a nossa curiosidade naturalista a observar, mais do que a mexer. “As zonas entremarés e as poças de maré são como um *puzzle*, onde cada peça está ali por alguma razão”, sublinha Frederico Almeida.

Por exemplo, há espécies de cabozes que

põem os seus ovos debaixo de rochas. Se levantarmos a rocha onde está um ninho com os minúsculos ovos deste peixe e a deixarmos exposta ao sol, podemos estar a causar, inadvertidamente, a sua destruição, porque os ovos toleram apenas algumas horas fora de água. “Podemos levantar as rochas para vermos o que está por baixo, mas depois temos de voltar a pôr tudo como estava.”

Ainda assim, “se não conseguirmos resistir de todo, não há nada contra o balde” com água do mar, usado todos os Verões por miúdos e graúdos para transportar peixinhos e caranguejos. Neste caso, avisa, “não nos podemos esquecer de que a temperatura da água dentro do balde vai aumentando e podemos estar a matar os peixes que apanhámos. É melhor substituir a água com frequência”.

Igualmente indispensável é devolver os animais à natureza “o mais depressa possível” e “à mesma poça de onde os tirámos”. É que alguns destes peixes são muito territoriais. “Se os pusermos noutra poça, vão para um meio desconhecido, não sabem onde podem refugiar-se e podem ser predados por anémonas mais facilmente.”

Mas mais do que as anémonas, há três grandes ameaças para as espécies “intertidais”. “Nós somos uma das maiores ameaças, através do pisoteio e manuseamento” dos animais, sublinha. “É excelente explorar este meio, mas observando-o com respeito. Nunca guardar tudo no balde e levar para casa!”

Outras ameaças são as espécies exóticas invasoras — como o caranguejo-azul (*Callinectes sapidus*) e a corvinata-real (*Cynoscion regalis*), que são predadores vorazes — e as alterações climáticas. Estas importam pela “instabilidade que trazem, como tempestades mais intensas ou temperaturas anormalmente elevadas no Verão”, o que torna o ambiente mais incerto. Para estes animais, que já vivem no limite do que conseguem aguentar, são alterações que fazem toda a diferença.

Jornalista da Wilder.pt

Cinco tesouros para procurar na praia

Ovos de raia e tubarão: estes pequenos invólucros muitas vezes vêm dar à praia, quase sempre porque já estão vazios e por isso ficaram mais leves. Se notar que o ovo ainda parece cheio, deve atirá-lo ao mar. Caso contrário, leve-o para casa e identifique a espécie com a aplicação “A Grande Caça aos Ovos” (sharkattract.pt/ovos/), onde pode também registar o achado.

Beijinhos pequeninas conchas de forma arredondada e fechada sobre si, povoadas por estrias, estes “beijinhos” são na verdade o esqueleto exterior de um gastrópode — classe da família dos moluscos — que tem o nome científico de *Trivia monacha*.

Vieiras as conchas das vieiras albergam um molusco bivalve com o nome

científico *Pecten maximus*, que se encontra desde a costa sul da Noruega até Espanha, e também no mar das ilhas dos Açores, Madeira e Canárias.

Conchas de choco estes objectos brancos e espalgados são na verdade a concha interna dos chocos — cefalópodes que usam a zona entremarés como maternidade — a que servem como esqueleto e que também os ajuda a flutuar.

Ouriços-do-mar assim chamados devido aos pequenos espinhos que exibem, gostam de usar pedaços de algas calcárias como pequenos chapéus, numa estratégia de camuflagem. Podem ser encontrados em poças de maré. Por vezes, acham-se as cascas secas e já vazias. **Inês Sequeira/Wilder.pt**

A série *Um Naturalista* revela o que está a acontecer na natureza ao ritmo das estações do ano. Quinzenalmente, daremos a conhecer espécies de fauna e flora — muitas delas fascinantes — que os leitores podem encontrar em Portugal. Explicaremos de que forma podemos ajudar a proteger a biodiversidade e também como é possível participar em projectos científicos destinados a conhecer melhor o mundo natural

Como “pentear a praia” em família

Portugal, com a sua longa linha costeira, é um país excelente para nos dedicarmos à arte do *beachcombing*, palavra que significa, literalmente, “pentear a praia”. Ou seja, percorrer o areal à procura de pequenos “tesouros”, desde conchas e vestígios curiosos de animais até objectos de interesse que as correntes marítimas transportaram até à costa.

O primeiro passo é consultar a tabela das marés para garantir que o passeio irá fazer-se quando a maré está vazia, explica João Petronilho, que, com o filho Afonso, “penteia” muitas vezes os areais das praias da Mira e do Poço da Cruz, no distrito de Coimbra, próximos do sítio onde moram.

Muito importante é também levar uma mochila com um protector solar, água e alguma comida, aconselham pai e filho. Sem esquecer, é claro, um balde ou um saco para guardar os “tesouros” encontrados e uma câmara fotográfica ou um caderno onde se poderá fazer o registo de alguns achados: pegadas e objectos demasiado grandes, por exemplo.

Se o caminho a percorrer for numa praia rochosa, o melhor é também ir equipado com calçado que ajude a prevenir ferimentos em pedras pontiagudas ou quedas em sítios mais escorregadios.

Uma regra fundamental é deixar intacto tudo o que esteja vivo, pois ainda assim sobram muitos outros vestígios do mundo natural que se podem transportar para casa. Cascas de ouriços-do-mar, estrelas-do-mar já secas, pedaços de caranguejos, conchas que em tempos albergaram várias espécies de moluscos e que vieram dar à beira do mar. E quem sabe? Misturado no meio das algas, pode ser que encontre um invólucro já vazio de ovo de raia ou tubarão.

Por outro lado, é impossível percorrer uma praia sem deparar com vestígios da actividade humana: tampas de garrafa, cotonetes, sacos, canetas, molas de roupa e tantos outros. Além de deixar algum desse lixo no contentor, pode ser que encontre objectos menos comuns, como os antigos bonecos dos gelados Rajá, dos anos 1960.

No final, antes de regressar a casa, o melhor é fazer uma selecção entre os achados recolhidos, para decidir o que vai na mochila e o que fica na areia, à mercê das marés e de outras famílias de grandes e pequenos exploradores. **I.S.**